

# ...Mas tu, Chitlango, tu voltarás a erguer esta aldeia

«Chitlango, filho do chefe» é o título do livro escrito por Chitango Khambane (Eduardo Mondlane) e André-D. Clerc que teve a sua primeira edição em língua francesa.

Dado tratar-se de uma obra inédita em Moçambique (conhecida talvez apenas por companheiros de

Mondlane e amigos de sua família) achamos oportuno divulgar neste 3 de Fevereiro, 21 anos após a morte do Primeiro Presidente da FRELIMO, os dois primeiros capítulos do livro em questão, cuja tradução vai ser editada pelos Cadernos TEMPO.

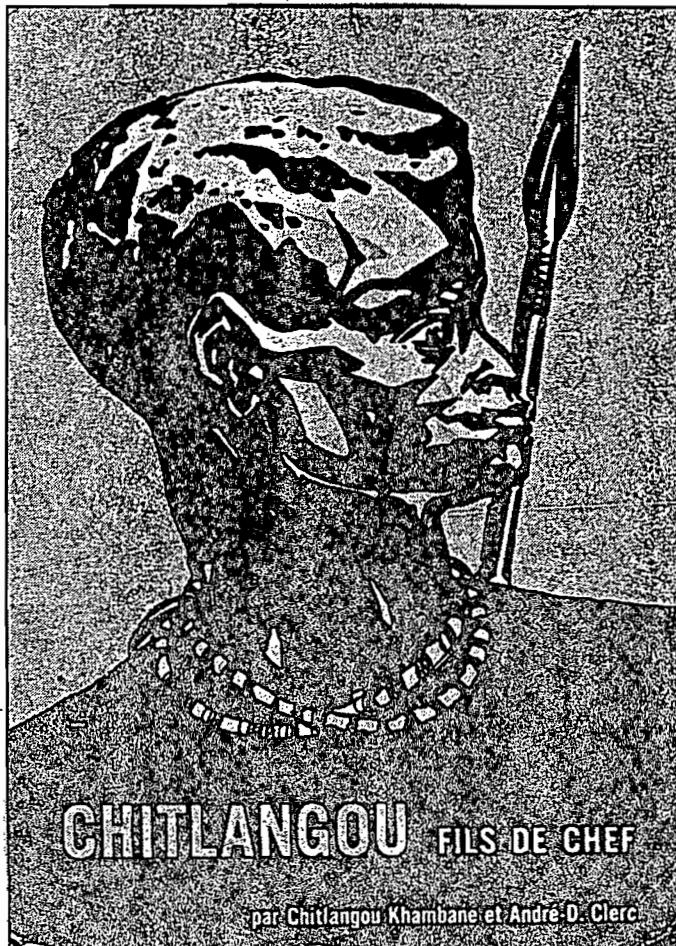
## CAPÍTULO I O ESCORPIÃO DENTRO DO PILÃO

*A minha recordação mais distante: três casas dispostas em crescente de lua numa clareira do mato. É a residência da minha família. Estes tectos de palha, cónicos, bem apurados em cima de uma parede circular, são a minha aldeia.*

*Que querida velha cabeça, crestada e fina, tinha a Avó!... Mas... que cabeça!*

*Quando, ainda agora, me deito no chão, à sombra de um nsondzo, revejo-me em menino, estendido ao lado da minha Mãe. Oiço a voz dela. Costumava descascar o amendoim enquanto cantava os seis tons dum melodia apanhada na véspera, em casa dum vizinha, logo esquecida no dia seguinte.*

Chitlango





Não fico muito tempo nesta prisão escura



Está muito clara na minha memória, a lembrança desta manhã de inverno em que discuti com a minha Avó.

Há coisas que um rapaz do meu tamanho já não aceita. Por exemplo: que tenho de responder quando a minha Avó me chama.

«Chitlango!

— ... »  
Não sou um homem? Porquê correr para ela?

«Chitlango! Que estás a fazer?»

A minha Avó não é como as outras mulheres que de repente desistem. Ela insiste:

«Chitlango-o!»

Como eu teimo em manter o silêncio, vem ela ter comigo e encontra-me em plena brincadeira. E que brincadeira! Por acaso, eu tinha encontrado na lenha um bicho verdadeiro, um tanto medonho, um escorpião. Sozinho e sem medo, enfrentei o animal e esmaguei-lhe a cabeça. E era agora que eu ia ter de largar esta presa?

Não! Atirei com o escorpião para dentro de um destes vasos de madeira maciça onde as mulheres pilam o milho e o amendoim. No fundo deste vaso as patas ainda mexem. Agarro no pau do pilão e ponho-me a fazer massa de escorpião. Não é uma ideia excelente? Esmago com pequenas pancadas: isto faz «tcho, tcho»; e eu acrescento: «Tcho, mbalane! Tcho mbalane! Tcho, escorpião!». Aqui está uma brincadeira de rapaz grande!

«Chitlango, diz a minha Avó, a que estás tu a brincar? Que horror é esse que estás a esmagar?».

— Não é nada Avó!

— Nada como? O nosso pilão está pegajoso, cheira mal.

— Não é nada, Avó!

Mas ela olha com atenção e distingue a cauda.

«Ei! Ei! um escorpião aí dentro! Esta criança é doida. Vai atrair sobre nós as maldições e as iras. Que os nossos antepassados tenham piedade de nós! Daqui a pouco agarra um camaleão, o animal que traz a morte nos olhos. Misericórdia!».

A minha Avó vem para mim com uma ligeireza que eu não lhe conhecia. Pega-me no braço e, apesar da minha resistência, dos meus pontapés, arrasta-me até à palhota dela e fecha-me lá dentro.

Não tenho sorte. As avós dos outros rapazes deixam-nos em paz. Dizem: «pobres crianças, são miúdos!» e ficam-se por aí.

Não fico muito tempo nesta prisão escura. Porque a minha Mãe volta do poço e pergunta por mim. A Avó não se faz rogada para contar o incidente:

«O teu filho é um doido perigoso. Não lhe deu a fantasia para esmagar um destes bichos malditos no nosso pilão? Onde lhe vêm semelhantes gostos?»

Apesar de não sermos senão nós, duas pobres mulheres nesta «aldeia» (1), temos de tomar uma decisão rapidamente. Este pequeno cresce e não vamos ter mão nele. De que serve ficar para sempre agarrado às mamas da mãe?

— Avó!

A minha Mãe tenta interromper:

«Avó, eu carreguei e dei à luz esta criança mas já não o sustento. Se ele caça bichos rastejantes que é que isso tem? O gosto pela

«caça» vem-lhe do Avô, o teu defunto marido, o hábil e paciente caçador...

— Há muito tempo, minha filha, que este rapaz devia viver na pastagem. Tu tens medo por ele. Lembra-te que ele é o nosso grande chefe. Que perigos corre ele? As cobras? Há tantas na nossa aldeia como nos campos. Tudo o que rasteja se esconde nestas plantas de sisal (2). Além disso, repara nesta desarrumação. Ainda não foi ontem que eu arranquei caniços à minha casa já suficientemente estragada? Se o colmo do teu próprio tecto se está a desfiar, é também porque o teu filho tentou subir a ele para agarrar uma galinha. As nossas belas palhotas redondas! Em que estado as vai e pôr se o deixarmos por aqui? Numa aldeia bem conservada por uma mulher cuidadosa, como as havia no meu tempo, que não deixa o pau do pilão no chão, depois do trabalho, mas que o arruma no seu lugar, o mal notava-se menos. Mas como uma mulher como tu!... Olha para esta vassoura desatada, estas caixas de ferro sem préstimo, estes ossos que o miúdo espalha. Esta confusão é insuportável! Tu cantas-lhe as tuas canções? Mas que grande coisa! Ele já não precisa disso. Dá-lhe as cabras e vamos entregá-lo a um pastor».

De cabeça baixa a ouvir a arenga, a minha Mãe submete-se:

«Talvez ao ... Madjerimane? pergunta ela.

«É isso. Madjerimane que até aqui tomou conta das nossas cabras, dá conta do assunto.»

Da minha palhota escura, escuto este discurso com muito interesse. Não me escapa uma palavra. As cabras, a aventura no mato, com Madjerimane, sim! Mas não vou morrer de fome se a minha mamã não for comigo, com muita comida? Vou estar sozinho. Vou morrer de fome. Um soluço aperta-me a garganta e as lágrimas vêm-me aos olhos.

Neste momento, oiço, muito ao longe, ... soar ... uma melodia que me tranquiliza. É de certeza Madjerimane que, a tocar a ocarina, vem buscar as nossas cabras para as levar ao pasto (3).

A Avó abre a porta do meu esconderijo; a habilidosa mulher,

com um simples gesto, dá-me a luz, a música e um companheiro. A resistência do seu terrível neto está vencida. Com efeito, eis Madjerimane que desemboca do carreiro, passa debaixo dos ndzonzos, estas árvores que são o delicado contorno da nossa aldeia e vem ao curral das cabras.

Mas a minha Mãe chama-o. Ele aproxima-se, a curiosidade espicada. Será que lhe vão dar um doce? Ou tabaco? Não é esse o costume das mulheres pobres. Mas então porque é que o incomodam?

tura. Na parede está uma abertura circular. A Mãe desloca o postigo e mete a mão. Do celeiro retira diversas coisas de comer:

... Mas não são para mim!

Estou consternado. De novo, as lágrimas inundam-me os olhos. A minha Mãe aproxima-se então e diz-me com ternura:

«Vês Chitlango, trouxe-te ao mundo há muito tempo. Desde então muitas vezes se sucederam as chuvas e o tempo seco. Mostraste-nos que és um homenzinho, um mhunumuzane. Como é que te vais

A minha mãe entrega-me provisões num cesto de fibra de palmeira



«Madjerimane, tu és um pastor de experiência. Olha Chitlango: vamos entregar-to para ele passar a acompanhar na pastagem. Queres tomar conta dele?» diz a minha Avó.

Enquanto isto a minha Mãe aproximou-se da despensa, pequena cabana sobre estacas que fica em frente às nossas casas e das quais é a réplica exacta, em minia-

tornar um verdadeiro jovem do mato? Acompanhando Madjerimane, correndo atrás das cabras. Aprenderás os jogos dos verdadeiros rapazes e tornar-te-ás um atirador de zagaias que toda a terra respeitará. Quando souberes guardar as cabras sozinho, então aprenderás a caçar pássaros. E quem sabe se, um dia, não te vou dar uma galinha para comer? ...

Está-se tão bem, ali, na pequena clareira! Já pensaste, Chitlango, nas brincadeiras dos cabritos? E sabes como é macio o cordeiro que se transporta na nuca? É isso o que te espera lá em baixo! ... E tu serás o amigo de Madjerimane!»

E dirigindo-se ao jovem:

«Então, Madjerimane, encarregas-te de Chitlango, está bem?»

Neste momento brotam as lágrimas que se acumulavam na minha garganta. E na minha angústia, choro:

«Mamã, tenho fome! Onde vou encontrar de comer, lá na clareira?»

Porque eu tenho o costume de estar sempre a chupar ou a trincar qualquer coisa. Que vai ser de um longe das fortes mulheres da aldeia?

Previdente, a minha Mãe responde:

«Espera um instante que eu vou dar-te uma chiguinha (4) e um bocado de massa de milho (5). Agrada-te?»

A minha Mãe entrega-me estas provisões num cesto de fibra de palmeira. Estou consolado e pronto para partir para o fim do mundo.

Mal chegámos à clareira, o meu amigo e protector manda-me guiar as ovelhas que saem do carreiro. Com o meu cesto na mão, começo a correr. Avanço, e sem me aperceber, passo adiante do carneiro e caminha orgulhosamente à frente do rebanho.

O meu cestinho não me dá autoridade que um sólido cajado confere. Um pau é muito necessário a um rapazito como eu que se quer impor ao rebanho. Depressa me dou conta disso. Inocentemente, aproximo-me do carneiro. Este levanta a cabeça e vê que não tenho nenhuma arma. Enfrenta-me, recua alguns passos e, com toda a sua força, investe sobre mim. Felizmente só me atinge nas costas e atira-me a rolar no chão como se eu fosse um tronco podre. Em pranto, chamo pelo socorro dos meus antepassados e tento erguer-me. Mas, traído pela inclinação do terreno, continuo a estrebuchar para gáudio dos meus companheiros. Quanto ao carneiro, não me perde de vista e só espera

pelo momento de continuar o seu jogo do deita-abaixo.

Considerando que a brincadeira já durou o suficiente, os meus amigos delegam o meu socorro a um pastor, desta vez armado de um pau. E ele manda o carneiro ir ter com as suas ovelhas.

Mas eu, uma vez em pé, só penso numa coisa: Para onde foram os meus mantimentos? Quando encontro a mandioca e a farinha de milho esmagadas, espezinhadadas, o meu desespero não tem limites. São tantas as lágrimas que os pastores, de paciência esgotada, mandam este fedelho para a mamã.

#### NOTAS:

(1) Os Tsongas vivem em pequenas «aldeias» familiares, muito desigualmente repartidos no mato, contando de uma a doze palhotas, à razão de uma só família por aldeia.

(2) A aldeia é muitas vezes limitada, de um ou outro lado, por sebes de sisal, de longas folhas em forma de lâmina de foice. É desta planta que o africano extrai, muito facilmente, o fio de que precisa.

(3) A pequena frase musical sai da casca de uma *sala*. Dir-se-ia uma grande laranja verde, mas de casca lisa, cheia de uma polpa amarela, na qual se impregnam grandes grãos cor de mel. Madjerimane perfurou a casca nos sítios certos e, músico nato, leva-a à boca: uma ária desprende-se no ar.

(4) O *nsondzo* é uma bonita árvore de folhagem leve, que se cobre na primavera (Outubro-Novembro) de flores de um belo amarelo dourado. A casca desta árvore serve aos indígenas para fabricar diversos utensílios.

(5) Bola de pasta de mandioca cozida, misturada com amendoim.

(6) Pudim de milho azedo, alimento de base. Na oração dominical, o Tsonga diz: «Dai-nos hoje a nossa massa de milho». O pão da Ceia é chamado, nos textos: massa de milho.

## CAPÍTULO II

### DE ALTA LINHAGEM

*O passado é o passado. Os anos em que me foram desvendados os limites do clã, o mistério dos mortos e dos vivos, aparecem na minha memória numa confusão de vasos partidos.*

Chitlango

*Os nossos antepassados eram afortunados: tinham nomes para dar aos anos. Nasciam em «o ano dos chifres», em «o ano das hienas», ou em «o ano dos linces».*

*Eles, ao menos, possuíam cabides onde pendurar as recordações dos tempos antigos. Mas nós, que viemos ao mundo de baixo da administração europeia, que crescemos em famílias que nada compreendiam dos números dos brancos, com os seus «mil e novecentos», baralhamos tudo.*

Um Professor Tsonga

Quando me viu regressar em pranto da pastagem, a minha Mãe, primeiro, ficou muito desapontada.

Depois compreendeu o incidente: faltava-me um certo grau de instrução familiar. E assumiu a tarefa de me dar. Desde então, chamou-me muitas vezes para junto dela. Sentada numa esteira, foi-me contando, por fragmentos, uma história da qual eu ignorava quase tudo.

«Sabes, Chitlango-Chorão, que o dia em que nasceste marca uma data importante nos anais da família? Foste recebido no júbilo. Por isso, filho, não te é permitido fazeres má cara à existência.

— Mas Mamã, a minha bola de mandioca estava cheia de terra. E todos se riram de mim.

— Chitlango, honra o nome que tens. Vou-te explicar uma coisa que estás em idade de compreender. Tu nasceste, há muito tempo, em plena estação seca, na altura de colher o amendoim (7). O teu Pai, Muchlotanê, tinha partido de viagem. Andava pelas planícies, orla das no horizonte de dunas azuis e brancas. Tinha-se metido à procura de grinaldas de palha fulva; de estacas negras dos pântanos; de caniços suculentos e cor de cinza, que cortejos de mulheres deviam carregar à cabeça por dunas e por matas: que carga meu filho! Juntou também centenas de paus e varas, umas rígidas e secas, outras flexíveis como lianas. Finalmente, lacerou os nossos *nsondzos*, aqueles que vês além, para deles arrancar longas tiras de casca.

— E porquê Mamã, teve o meu Pai tanto trabalho?

— A razão de toda esta actividade, era o mau estado da casa da sua «mulher grande» (8). Depois de alguns anos de uso, as palhotas dão sinais de fadiga: as estacas apodrecem, o caniço é atacado pelas térmitas, o colmo estragado tem de ser renovado. É a maior das obrigações dos homens. Todavia, o teu pai tinha a tarefa facilitada porque administrava as terras, enquanto esperava que o teu primo Mangatlo-o-Falcão tomasse as rédeas do governo. O teu Pai era o regente do clã. Nesta qualidade, só tinha que escolher, na região, aquilo que lhe vinha.

— Somos então grandes senhores?

— Os teus antepassados foram tão grandes senhores que reuniram e comandaram os exércitos contra o invasor zulu, há dezenas e dezenas de anos. Mas foram obrigados a submeter-se e a pagar imposto aos vencedores zulus que ocuparam o território.

O último grande senhor do país, amado e respeitado — se bem que submetido aos brancos — foi Chitlango-o-Velho, que governou muito, muito tempo. Ele veio a seguir a seu pai, Psarithio, filho de Mitambuti, filho de Chipeniane, filho de Khambane; filho de Ndzovo. Estes homens reinaram sobre todo o país, compreendes-me? Todas as terras! Mas a nossa pátria dividiu-se em terras mais pequenas. Aqui, estamos em Mitambuti, ou nas terras do Mitambuti. Repete, Chitlango!

— Eu moro nas terras do Mitambuti.

— É preciso que te lembres muito bem dos nomes de todos estes grandes chefes, porque eles vivem connosco.

— Mas eu nunca os vi, Mamã!

— Quando um chefe morre e se enterrou o seu cadáver, ele mesmo vai para a «Grande assembleia dos chefes mortos». Tudo o que é verdadeiramente ele: a sua força, o seu olhar, o porte da sua cabeça, a sua voz, o seu ciúme e o seu orgulho, a sua memória e a sua inteligência, a sua forma e a sua sombra, tudo, excepto o cadáver. Esta «Grande Assembleia dos che-

fes mortos» reúne-se à sombra de uma árvore.

— Gostava de ver. Pode-se?

— Silêncio, silêncio! É tabu, é proibido pelos mortos.

— Mas Mamã, como podem eles viver connosco?

— Eles vêem-nos e ouvem-nos.

São eles que nos escutam quando estamos na desgraça; são eles também que nos mandam as chuvas e nos protegem contra as epidemias ou os gafanhotos. Como eles nos amam, são muito ciumentos e irritam-se se os descuidamos. Tudo o que fazemos de importante, nós que vivemos nos nossos corpos, deve ser comunicado aos chefes que estão mortos e a quem chamamos os nossos deuses. Se uma criança nasceu, devemos informar os deuses; se um casamento se prepara, é preciso que eles saibam e aprovelem. Os nossos deuses melindram-se se uma manada de vacas é transferida, sem eles saberem, para um novo curral.

— Quem pode falar com os deuses e quem os pode ouvir? Um rapaz como eu tem permissão para isso?

— Todos nós podemos fazer o culto, isto é, testemunhar-lhes a nossa afeição espalhando cerveja sobre a sua sepultura; devemos render-lhes este culto; mas, em todas as questões importantes, é indispensável ir ter com os sacerdotes. Eles compreendem as palavras dos deuses e explicam-nas a nós.

— Os deuses foram informados do meu nascimento?

— É justamente aí que eu queria chegar falando-te do teu Pai. Trabalhava ele na montagem do tecto da casa da sua primeira esposa, quando lhe anunciaram que eu acabava de dar à luz um filho. Que boa notícia! Um filho vigoroso! Então, o teu Pai foi comunicar o acontecimento a alguns homens da sua família e, todos juntos, tomaram o caminho da aldeia dum sacerdote-médico do nosso clã. Este sacerdote extraiu dum cesto redondo um jogo de conchas, de ossículos de serpentes, de cabras, de leões de antilopes. Misturou-os muito tempo, depois lançou-os em cima de uma pele de cabra. Pretendeu assim

saber exactamente o que os deuses pensavam deste nascimento. Então, olhando atentamente para a posição e orientação de cada ossículo ou concha, o sacerdote compreendeu a resposta dos deuses. E disse: «Os deuses regozijam-se com a vinda ao mundo deste menino. Eles desejam que se lhe dê um dos nomes dos deuses. A sua vontade é que ele seja chamado pelo nome de Chitlango, porque é Chitlango-o-Velho que recomeça a vida na carne desta criança». Com isto, o teu pai ficou muito orgulhoso e ao mesmo tempo inquieto. Os sacerdotes atribuíram várias vezes este nome, o teu nome, a rapazes que acabavam de dar o primeiro vagido. E... todos eles estão mortos.

— Porquê Mamã?

— ...Porque os sacerdotes, por vezes ... (a minha Mãe aproximase de mim e murmura ao meu ouvido este terrível «segredo que não se pode dizer») ... por vezes, os sacerdotes enganam-se. É tão proveitoso adular um homem atribuindo ao seu filho recém-nascido um nome de herói! Os mágicos lançam os ossículos que revelam o que os deuses nos querem dar a entender, mas estes adivinhos pensam no presente, na cabra que uma resposta vantajosa lhes vai valer. Fingem olhar os ossículos, mas aprestam o ouvido ao que lhes dita a sua astúcia. Proclamam o que a sua manha lhes dita. Mas se uma criança tem um nome usurpado, os deuses matam-na.

— Será que me vão matar a mim também, Mamã?

— Não fales assim, meu filho! exclama a minha Mãe, aterrada. Não, eu sei que os deuses te amam. Se assim não fosse, há muito tempo que terias morrido... Mas deixa-me continuar... Fica sabendo que tu não és igual aos outros rapazes, tu és o nosso grande Chitlango que reinou anos e anos sobre este país. Agora, toda a gente o sabe. E se as mulheres de Chitlango-o-Velho, vêm ver-me muitas vezes e te trazem bebida e presentes de castanhas assadas, é porque reconhecem em ti o seu chefe e marido. É por isso que estou decepcionada por te ver um tão fraco pastor. Quando se é Chitlango, não se chora por tudo e por nada. Lembra-te a partir de

agora que tu és o grande Chitlango, o senhor valente que conduziu os homens à batalha!»

\*\*

A minha Mãe fez-me repetir dia após dia os nomes dos nossos an-

quena Clareira. A experiência ensina. Muni-me, não só duma boa bola de mandioca, mas também dum cajado graças ao qual, instruído por Madjerimane, enfrentei o nosso carneiro. Ah! Ah! e quem é que foi o «senhor» da batalha? Foi o jovem pastor Chi-



tepassados-deuses e mandou-me de novo para a pastagem da Pe-

tlango. O carneiro teve de recuar e obedecer.

\*\*

As narrativas da minha Mãe fizeram-me querer mais. Muitas vezes, enquanto nos aquecemos aos mornos raios de sol da estação seca, ela inicia-me nas recordações familiares e nos segredos da vida invisível. Tagarelamos a perder de vista.

«Chitlango, o teu Pai morreu pouco tempo depois do teu nascimento. Uma grande desgraça depois de uma grande alegria. Nunca um homem mais benevolente tinha governado o país. Era o oposto dum desses brigões de que estas terras estão povoadas. Teriam podido batê-lo sem que ele fizesse uma questão disso. Impunha-se antes pela sua estatura, a sua musculatura delicada jogando sob uma pele cor de bronze, insensível ao calor e ao frio. Nos últimos anos da sua vida só se vestia com as peles dos animais mortos na caça pelos seus filhos. Assentavam-lhe admiravelmente. Porque os teus irmãos não caçavam só os antílopes, eles perseguiram o leopardo e o grande gato selvagem. Para ler os rastros, para interpretar as marcas, eles não tinham rivais.»

— Sabes o que fizemos ontem? Um primo de Madjerimane, armado de zagaia, meteu-se à caça; acompanhámo-lo um bocado do caminho.

— Não te cansaste a correr tão depressa como um homem?

— Não corremos muito longe. Este caçador descobriu na areia marcas de caça e ensinou-nos a observar o terreno. No princípio, eu só via sinais confusos; mas ele, num instante, soube dizer-nos: «Estiveram aqui quatro antílopes, um dos quais macho. Passaram depois da madrugada. Um quinto, sim, um quinto deixou uma pegada muito mais tarde.»

— É a ciência dos homens.

— Ele explicou-nos: «Vejam: a areia já está seca, não há mais resto de cacimbo. Quando os sinais estão bem nítidos no terreno, foi porque os animais passaram na altura em que a terra estava húmida. Notem estas marcas mais grossas: são as do macho. E depois, aqui, uma fêmea; ali, outra, ali e ali, mais duas!»

— É a ciência dos homens.

— Para o quinto animal, sabes como ele viu o momento da sua passagem?

— Sou uma mulher, Chitlango, as mulheres não caçam.

— Ele disse-nos: «Vejam: estas marcas ali não são nítidas, as patas calcaram uma areia seca que se desfaz em pó. Ora o sol acabou agora de secar o terreno. O animal não está longe». Depois disto, foi-se embora. Como eu teria gostado de o acompanhar!

— Chitlango, tu és filho de caçadores.

— Mamã, nós na família, éramos caçadores, nos tempos antigos?

— O teu Avô demonstrava uma habilidade tal que ainda hoje se fala disso.

— Caçava o leão?

— Habitualmente o antilope e a gazela. O nome dele foi dado a um pequeno vale o de Ndlanazo; era lá que ele tinha por hábito descansar no regresso das suas expedições.

— O meu pai não caçava?

— Quando era novo, sim. Mais tarde, faltava-lhe o tempo. As preocupações do cargo de regente do clã impediram-no de andar à caça. De resto ele aparentava mais ser pacífico e caseiro. Enfim! nós já não somos senão duas mulheres nesta aldeia, mantemo-nos à parte para te guardar, porque tu és o grande Chitlango de todo o clã. É a nossa tarefa. Mas nem sempre foi assim. Nos bons tempos, o teu pai nunca se deslocava sem a escolta de guerreiros emplumados. Os caçadores traziam-lhe uma peça dos antilopes que tinham abatido. Comíamos carne. Nesse tempo vivíamos na opulência. Ah! certamente que havia gente na aldeia! Antes de se casar comigo, Muchlotane já tinha desposado duas mulheres. Depois, pela morte do irmão mais velho, Chitlango-o-Velho, herdou um lote de viúvas, velhas e novas, de quem teve de tomar conta. Imagina pois a dimensão da aldeia! Muitas crianças nasceram, poucas viveram. Os rapazes que não morreram na infância, tomaram o caminho do Transvaal. Que é feito deles agora? Vão morrer lá. Tens ainda seis irmãs, quase todas casadas. São os restos de uma glória passada. Mas tu, Chitlango, tu volta-

rás a erguer esta aldeia; tu serás chefe e desposarás muitas mulheres: serás considerado no país; os teus filhos crescerão, muitos, à tua volta!

— Eu antes queria, Mamã, morar numa das aldeias grandes dos meus primos. Aí encontraria muitos companheiros de brincadeira.

— É nas grandes aldeias que nascem as querelas. Quando o teu Pai morreu, eu não fui atribuída a um dos seus irmãos ou primos. Aliás, apesar de ficar viúva aqui, viúva e pobre, prefiro esta situação ao tumulto e ao ciúme das minhas co-esposas.

«Houve um enorme espanto na aldeia do teu Pai quando se soube do teu nascimento e quando se soube que tu és Chitlango. As mulheres do defunto Chitlango — e tu sabes que as há ainda jovens — ficaram cinzentas de ciúme. É que eu recebia o título de «Mãe do grande senhor». E, de todos os cantos do país, vieram agradecer-me, cumprimentar-me e trazer-me presentes. Tu imaginas o meu orgulho de jovem mamã que se via promovida ao posto de primeira dama do clã. Até aqui muito bem... Mas quantas vezes não estremei por ti! Vivemos rodeados de perigos! Quem sabe se entre as mulheres que me invejam, não se escondem feiticeiras?

— «Hienas»? Mas nós não as temos na família.

— Não fales tão alto, meu filho; «Eles» podiam ouvir-te! De quem se pode estar seguro? As «hienas» (9) fazem o seu trabalho infame no segredo.

— Mas os pastores tratam-se por «filhos de hiena»!

— Cala-te já!  
E a minha Mãe acrescenta com a voz embargada:

«Sim, Chitlango, os noyis reúnem-se de noite no deserto, em concelho, como os homens grandes do clã. Sabes o que é que eles fazem nesse concelho?»

— Não, Mamã.

— Discutem os melhores métodos para matar as pessoas.

— Eles têm zagaías?

— Têm uma arma bem mais eficaz: a feitiçaria. Toda a gente tem medo deles porque actuam de noite e têm o poder de abandonar o corpo enquanto dormem.

— Eles deixam o corpo?

— Sem dúvida. A sua verdadeira pessoa, a vontade, a força, a expressão, a forma, abandonam o corpo adormecido. Se tu entrasses em casa de uma feiticeira, uma noyi, vais vê-la lá, estendida na sua esteira, mergulhada num sono pacífico. E dizes para ti: «ela está ali».

— E ela na verdade não está lá?

— Na realidade ela não está lá. Partiu para realizar uma tarefa sinistra.

— Como os mochos?

— É isso. Ela voa em silêncio, atravessa paredes e portas trancadas e, como os nossos morcegos gigantes, aproxima-se da casa onde dorme a sua vítima.

— Então, os noyis podem vir a nossa casa?

— Nós estamos protegidos. Pedimos aos mágicos para estenderem, à volta da aldeia e por cima das nossas cabeças, uma rede milagrosa que os feiticeiros não podem atravessar.

— São esses paus afiados espetados no cimo dos tectos, não é?

— Se quiseres. Mas é mais o remédio de que estão impregnados. Além disso, as soleiras e as portas também foram tratadas pelos nossos mágicos. Mas estas precauções são inúteis quando um cúmplice, instalado no lugar, abre uma fenda na barreira mágica.

— Então?

— Então o feiticeiro penetra na palhota pela coroa do tecto, desce na morada do seu inimigo adormecido e enfeitiça-o.

— E então, depois, Mamã?

— A vítima está enfeitiçada! Acabou-se! Vai acordar no dia seguinte de manhã. Vê-la-emos andar por aqui e por ali; mas o coração foi comido; dela só resta uma sombra. Está lá, e não está lá. Passarão alguns dias: a vítima estará morta.

— Quando eu estou «doente» quer dizer que...?

— Também são os noyis que dão as doenças. Eles podem matar muito lentamente. São muito hábeis. Assim, por vezes, introdu-

ze-n na nossa comida venenos sub-  
btis e imperceptíveis. Mal os aca-  
bamos de engolir, eles transfor-  
mam-se em criaturas perigosas...  
Estes animais mágicos apertam o  
coração e estrangulam a pessoa.

— Podem-se ver e encontrar,  
esses noyis?

— Vêm-se os animais deles.  
Eles dominam as hienas e os mo-  
chos. Há duas espécies de hienas:  
aquelas que são animais vulgares

— Tenho muito medo de encon-  
trar um noyi!

Toma cuidado se te acontece,  
de noite, vislumbrar uma luz er-  
rante e louca na grande planície.  
Podes estar certo que tens de te  
haver com um noyi!

Então?

— Não tenhas medo, Chitlango.  
Volta simplesmente para casa, pe-  
lo caminho mais curto. Lembra-te  
que Ndzovo, Khambane, Chitlan-  
go-o-Velho, velam por ti. És tu  
quem vai erguer de novo o nosso  
clã!»

Ào fim da tarde destas conver-  
sas estendo-me, quando a noite  
chega, sobre uma esteira e debai-  
xo de um tecto de angústia. Tu-  
do é mistério, ameaça, hostilida-  
de: um uivo de animal no mato,  
o sopro do vento que roça as nos-  
sas palhotas, um estalido e, acima  
de tudo, o uiular da coruja. O ter-  
ror invade-me. Imagino os «come-  
dores de homens» voando à volta  
da aldeia. Na obscuridade, distin-  
go o cimo do grande cone do tecto:  
é por lá que eles tentam penetrar,  
despercebidos, para roer o cora-  
ção, o fígado, os rins dos que dor-  
mem. Asfixia-se morre-se, está  
tudo dito. As lágrimas correm-me  
pela cara. Então, a minha Mãe,  
estendida não longe de mim, che-  
ga-me para ela como se eu fosse  
ainda uma criança pequenina.

...No dia seguinte, acordo fati-  
gado, o coração ainda apertado.  
Mas os raios dum sol jovial pene-  
tram na palhota, pela coroa do  
tecto, tão medonha na escuridão.  
Subitamente, oiço a ocarina de  
Madjerimane e aos saltos, vou ao  
seu encontro.

□

#### NOTAS

(7) Em Junho de 1920.

(8) A «mulher grande» é a primeira es-  
posa, a rainha da família, que domina as  
outras mulheres num lar polígamo. Cada  
mulher habita a sua cabana privada e faz  
a sua própria cozinha.

(9) Não se trata aqui do animal, mas do  
feiticeiro ou feiticeira. Em tsonga: *noyi*.

Para interpretar  
os espíritos, ele  
não tinha rival



São serpentes, escaravelhos que  
arranham, ou mesmo moscas...

— Mamã, acho que tenho uma  
serpente no pescoço!

— Não fales disso meu filho, é  
perigoso!

e as que são noyis. Quando uma  
hiena salta à cara dum caçador e  
o morde, é um noyi. E os mochos,  
não os ouviste já? Gemem e sus-  
piram quando «comeram» um ho-  
mem!